



LENA DE VALOIS, A PRIMEIRA JUDITH TEIXEIRA

LENA DE VALOIS, THE FIRST JUDITH TEIXEIRA

Cátia CANÊDO¹

Fabio Mario da SILVA²

Resumo: Pretendemos discutir qual a intenção de Judith Teixeira ao utilizar o pseudônimo Lena de Valois e quando é revelado as primeiras notícias sobre a utilização desse nome artístico. Também iremos refletir sobre os textos que a autora utiliza com esse pseudônimo para chegarmos a algumas considerações sobre as suas primeiras produções que são impressas em jornais.

Palavras-chave: Judith Teixeira, Lena de Valois, pseudônimo, literatura portuguesa.

Abstract: Our intention is to explore Judith Teixeira's motives for using the pseudonym “Lena de Valois” in her early writings and to identify when it was that this artistic sobriquet first made its appearance. Additionally, we will reflect on the texts bearing this pseudonym – all of them from newspapers – in order to draw new conclusions regarding Judith Teixeira’s very first publications.

Keywords: Judith Teixeira, Lena de Valois, pseudonym, Portuguese literature.

O uso de pseudônimos masculinos e femininos, ou até mesmo a escolha de anonimato por parte de escritores ou escritoras, possui uma série de intenções, dependendo do século, do sexo de quem escreve e de que tipo de leitor/a que é destino o conteúdo da obra. Por exemplo, Ana Plácido (1831-1895), escritora que foi amante e depois esposa de Camilo Castelo Branco, adota tanto pseudônimo quanto as iniciais A. A. Inicialmente, Plácido produz textos

¹ Doutoranda em Literatura da Universidade de Brasília.

² Professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UAST/PROGEL. Investigador colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/ FLUP e Centro de Estudos Clássicos/ FLUL.



anônimos devido ao desprestígio social advindo do escândalo de acusação de adultério, com medo de represálias da crítica e a censura do público leitor.³

A título de exemplo, uma outra escritora portuguesa, Sarah Beirão (1884-1974), assinava Álvaro de Vasconcelos no periódico *Tabuense*, fundado por seu pai, conforme explica Isabel Lousada: “Este é um dos estratagemas das mulheres para passarem despercebidas, ou para verem ser reconhecido o seu valor numa atmosfera marcada pela misoginia.” (2012, p. 67). Por isso Carlos Reis refere que a decisão de adesão de outro nome está relacionada a um fator indireto, visto que o/a autor/a teria de tomar para si outra identificação devido a circunstâncias sociais:

Curiosamente, a identificação da autoria e a instituição da autoridade nem sempre decorrem em linha directa do nome civil do autor. Referimo-nos aqui à possibilidade de o escritor utilizar um nome literário, ou seja, o nome falso que o pseudónimo constitui; aconteceu e acontece assim, em Portugal, com Filinto Elísio, Júlio Dinis, José Régio, João Falco, Miguel Torga, António Gedeão, Eugénio de Andrade ou Bernardo Santareno, nomes literários de personalidades que, na sua vida quotidiana e profissional, usaram ou usam o que é o seu nome de registo civil. Os motivos de utilização de um pseudónimo e os exemplos apontados são escassos relativamente à efectiva dimensão de um fenómeno que pode considerar-se bastante corrente. (REIS, 2003, p. 106).

Esse fenómeno corrente de que fala Reis se aplica a homens e a mulheres, apesar de que com as escritoras os motivos muitas vezes esbarraram em medo ou censura, como vimos no caso de Ana Plácido. E em relação a Judith Teixeira, qual seria a sua motivação para escrever sob pseudónimo e qual a intenção, ou seja, o que pretende indicar?

A crítica tem apontado que Lena de Valois é pseudónimo com que Judith assina as suas primeiras criações literárias (Sousa, 2009⁴; Giavara, 2015; Alonso, 2015a) e a própria autora revela essa informação numa reportagem sem autoria publicada na *Ilustração*

³ Fernanda Damas Cabral levanta a hipótese de que Ana Plácido queria apenas “ser recordada como escritora sob o pseudónimo Lopo de Souza e com o seu livro de natureza autobiográfica: *Luz Coada por Ferros*” (1991, p. 53). Por seu turno, Adriana Mello Guimarães chega à conclusão de que, no caso da autora, o uso do pseudónimo foi estratégico: “Depois do seu nome circular por vários jornais, devido à acusação de adultério, Ana, ao adotar pseudónimos masculinos, pretende sair do seu mundo e investir num universo mais amplo com uma nova identidade. Afinal, Ana recusou o papel secundário e passivo, que a sociedade burguesa do século XIX atribuía à mulher, e mudou o estereótipo da mulher oitocentista, que era normalmente representada como anjo do lar ou como demónio. As mulheres ficcionais de Ana Plácido vivem amores proibidos e sofrem com o fracasso, a dor, a morte e a mentira. Enfim, Ana, através dos seus escritos, observa o seu próprio destino e afirma o seu lugar na escrita descrevendo a sua própria experiência.” (GUIMARÃES, 2018, p. 36).

⁴ Martim Sousa é quem identifica e publica os textos assinados dispersos em jornais por Judith Teixeira e seu pseudónimo Leda de Valois, na seguinte obra: *Judith Teixeira e o lugar: uma “irmã de Shakespeare” no modernismo literário português*, em 2009.



portuguesa,⁵ em 21 de janeiro de 1922, com o título “Interiores de arte. A casa de Lena de Valois”. Nessa reportagem, na qual apresenta uma foto da autora num palacete da Avenida António Augusto de Aguiar,⁶ afirma-se que fixar o olhar na casa do advogado Álvaro Teixeira e de sua esposa é admirar uma obra de arte: “Ninguém sonha, ao roçar as janelas da casa de Madame Judith Teixeira – a elegante escritora que se esconde sob o pseudônimo perfumado e subtil de Lena de Valois – a riqueza, o conforto, sobretudo o harmônico bom gosto que se vive dentro dessas paredes.” (s. a., 1922, s. p.). Contudo, dias antes, fala-se numa peça teatral intitulada *Sulcos* de Lena de Valois, num artigo, também sem autoria, publicado em 7 de janeiro de 1922 n’*A capital*. Justamente esse jornal vem acompanhada da primeira foto que se conhece sobre Judith Teixeira publicada na imprensa. Esse jornal, especificamente, não revela ser Lena de Valois um nome artístico de Judith, como se vai fazer dias após na *Ilustração Portuguesa*. Acontece é que, ao publicar a sua foto no jornal, Judith Teixeira demonstra não ter receio em revelar a sua real identidade:

⁵ A reportagem está disponível para consulta em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1922/N831/N831_item1/P19.html, acesso 10 de março de 2023.

⁶ Para se morar nessa avenida, que fica próximo ao coração de Lisboa, Marquês de Pombal, o casal Teixeira demonstra possuir um elevado padrão de vida social e financeiro.



A capital, 1922⁷

Já numa outra entrevista, a José Dias-Sancho, na *Revista Portuguesa*, a 24 de março de 1923 – ou seja, pouco tempo após a publicação e o escândalo em torno da obra de estreia da autora, *Decadência* – Judith revela que utilizava pseudônimo para assinar as suas primeiras publicações literárias, na real intenção que seus leitores/as (e detratores/as) soubessem que ela já vinha publicando em jornais:

Apareci em publico pela primeira vez, sob o incognito de um pseudónimo, no *Jornal da Tarde*, com composições em prosa. A esse jornal, seguiram-se outros, até esta minha estreia em livro que, – parece! – tanto ruído causou aos moralistas da nossa terra, e que intitulei de *Decadência*. (SANCHO-DIAS; TEXEIRA, 1923, p. 16)

Ou seja, quando Judith utiliza o pseudônimo de Lena de Valois seu marido e amigos mais próximos certamente sabiam. A partir de 1922, quando a *Ilustração Portuguesa* revela o

⁷ Digitalização disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/acapital/1922/Janeiro/Janeiro_item1/P17.html.



seu nome artístico é com a intenção da própria autora mostrar que usa esse nome como assinatura literária. Contudo, irá abandoná-lo publicamente a partir da publicação de *Decadência*.

No caderno de *Versos*,⁸ com alguns poemas inéditos publicado por Alonso e Silva, percebemos que a autora assina como Judith Teixeira, e segundo Cláudia Pazos Alonso, esse caderno-manuscrito indica algumas pítas, como, por exemplo:

Os poemas selecionados para integrarem as coletâneas de 1923 estão identificados com uma cruz. Existem ainda 14 poemas com título, igualmente transcritos a tinta, que não obtiveram lugar em nenhuma destas duas composições [*Decadência* e *Castelo de Sombras*], sendo que um deles já publicado [“Quero-te Bem”] no *Diário de Lisboa*, a 24 de novembro de 1923. (2015b, p. 207)

Contudo, misteriosamente veio a lume uma capa de um outro caderno da autora, mas assinado como Lena de Valois, leiloada no site besnetleilões.com.pt e que possui como título “*Se a tanto me ajudar o engenho e a arte. O Meu Caderno*”, indicando que sob esse pseudônimo também possuía um caderno no qual eram transcritos alguns textos. O site de leilões descreve assim o referido caderno: “Dossier / pasta com o título Poesias de Lena de Valois (pseudónimo da escritora Judith Teixeira) em *chagrin* vermelho e com riquíssimas gravações artísticas. Julgamos tratar-se de uma pasta pertencente ao escasso e raro espólio da escritora. Peça de colecção”.⁹

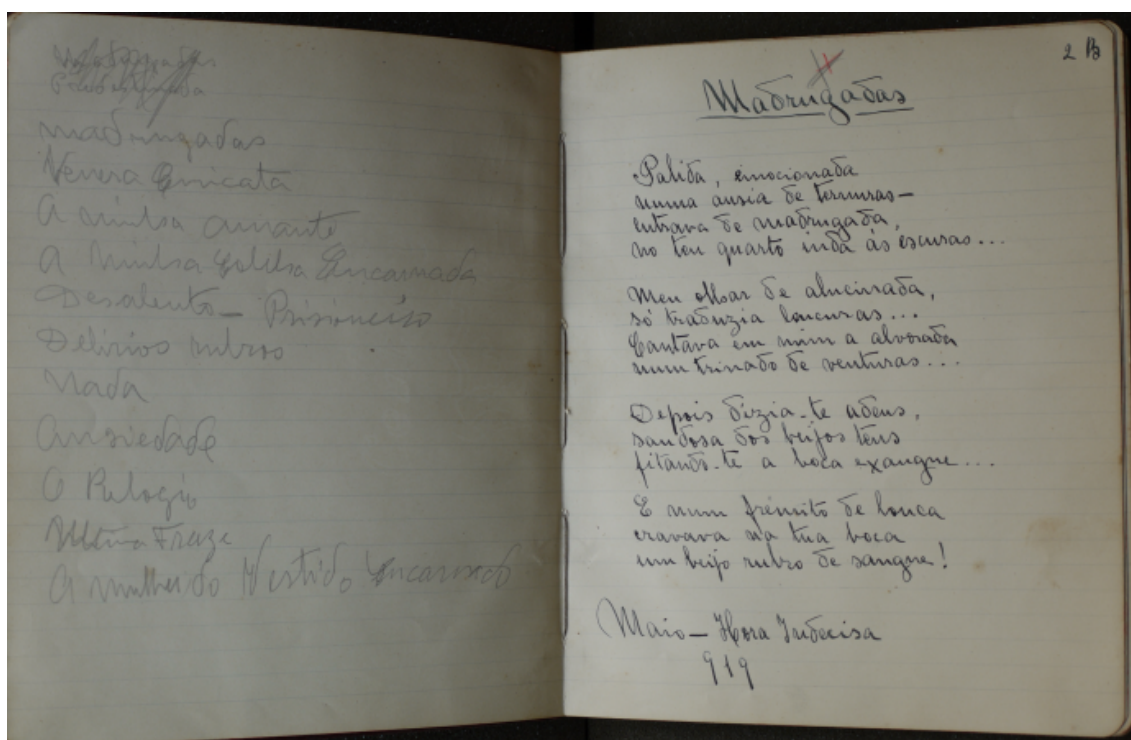
⁸ Na senda de comemoração da publicação de 100 anos de *Decadência*, Cláudia Pazos Alonso doou o referido caderno à Biblioteca Nacional de Portugal e realizou, com Fabio Mario da Silva, e a diretora da Biblioteca Nacional, Maria Inês Cordeiro, uma sessão pública para falar de Judith Teixeira.

⁹ Disponível em < <https://www.bestnetleiloes.com/pt/leiloes/livros-e-manuscritos-26/judith-teixeira-12>>. Acesso em 14 de outubro de 2022.



Apenas a capa foi disponibilizada no site besnetleilões.com.pt

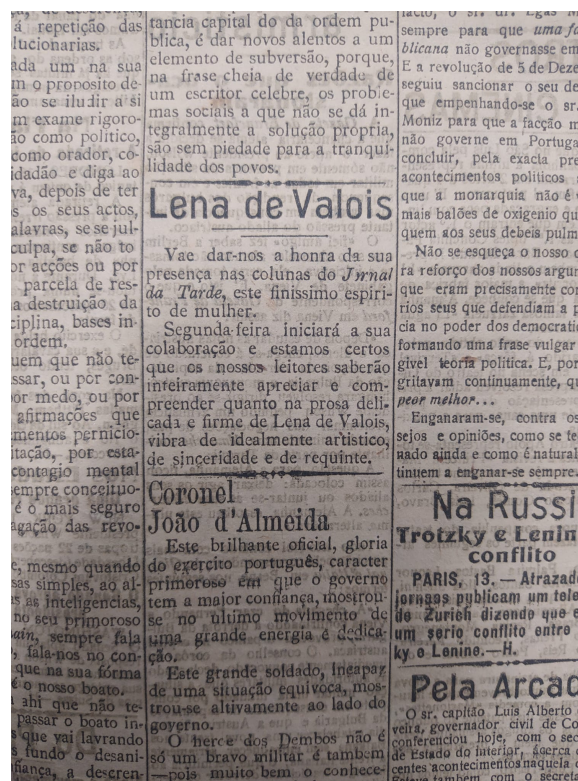
Provavelmente esse caderno tem a data anterior ao outro intitulado *Versos* e que agora faz parte do espólio da BN. Sendo assim, em dada altura, a própria Judith decide abandonar o nome artístico e passa assinar o seu primeiro nome e o sobrenome do segundo marido, Álvaro Teixeira.



Uma das páginas do caderno *Versos* de Judith Teixeira, que hoje em dia faz parte do espólio de Literatura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal.

Passamos então seguidamente a analisar as peças assinadas como Lena de Valois.¹⁰ O *Jornal da Tarde*, no dia 18 de outubro de 1918, anuncia a participação de sua mais nova colaboradora com uma prosa “delicada” e “firme”, cheia de “sinceridade” e “requinte”:

¹⁰ Iremos citar todos os textos diretamente dos jornais onde foram publicados. Esses textos fazem parte da edição brasileira da obra de Judith Teixeira, em vias de publicação e organizado por Fabio Mario da Silva.



Recorte de exemplar raro do *Jornal da Tarde*, depositado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
Foto: arquivo pessoal

O primeiro texto de Judith a ser publicado é um conto que se chama “Almas Simples (Fé)”, publicado *Jornal da tarde*, datado de 21 de outubro de 1918 e versa sobre o tema bélico, dos homens que vão combater nas trincheiras da primeira Guerra Mundial e da mulher que fica e vê seu cônjuge deixar a pátria. Narra-se a história de Maria de Jesus, mulher pobre e sem instrução, que é casada com António. O casal vive numa aldeia e tem como meio de subsistência o cultivo da terra e a criação de animais. Seis meses depois de casados, António embarca para a França e ambos começam a se corresponder por carta, até que chega à Maria a notícia da morte do seu companheiro. Fica Maria José sozinha e grávida à espera do primeiro filho, Maria da Luz. Passado algum tempo, Maria José, depois de constantes orações, recebe a promessa de Nossa Senhora que seu marido iria voltar. Tal fato realmente acontece, mas a protagonista demonstra não ter condições emocionais para esse encontro, pois já vinha definhando a certo tempo e acaba por falecer.



O segundo texto publicado por Lena de Valois também foi no *Jornal da Tarde*, em 10 de janeiro de 1919, e é intitulado “Lali...”.



Recorte de exemplar raro do *Jornal da Tarde*, depositado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
Foto: arquivo pessoal.

“Lali” narra a história da protagonista homônima por quem a narradora sente afeto e a descreve fisicamente e psicologicamente, destacando o seu perfil delicado e a sua “alma vagamente triste”. A narradora afaga a amiga, acolhe em seus braços e a beija com ternura, na tentativa de saber qual o motivo de tamanha melancolia, quando Lali confessa o porquê do seu estado letárgico: ela percebeu que foi enganada por um homem, uma paixão que lhe roubou o



sopro de vida, o que fez com que a amiga-narradora se compadecesse e compartilhasse do seu sofrimento. Assim, essa amizade entre as duas amigas se aparenta com a narrativa da novela publicada em *Satânia*, intitulada “Insaciada”, na qual narra-se também uma amizade muito próxima entre Clara e Maria Eduarda. Em ambos os textos se revelam um certo tédio e um homem que vem inquietar uma das personagens.

Depois do *Jornal da Tarde*, todos os textos posteriormente publicados sob o pseudônimo Lena de Valois saem no *Diário de Lisboa*. O poema “A pobre mais pobresinha” veio a lume a 17 de outubro de 1921. Nele,¹¹ o eu poético avista da sua janela na rua uma “triste lourinha” e questiona-se o porquê da agonia no seu rosto. Afinal, seria fome? A interlocutora então responde que ter fome não é sofrer, mas viver com um amor que se perdeu. O poema se encerra com a imagem da loucura feminina associada ao abandono amoroso: “E a tropeçar pela rua/ Vai a pobre quase nua,/ Nem sente a chuva cair!” (1921, p. 3). Também sob pseudônimo, é publicado no mesmo jornal, a 9 de novembro de 1921, dois poemas:¹² o primeiro deles é “Enleio” e revela a perturbação por que passa o eu lírico quando encontra a pessoa amada, numa espécie de relutância para não ver mais o sujeito amado que tanto lhe transtorna. Por seu turno, em “Sonetinho” também se revela a amargura causada por outrem, aparenta ser uma pobre vendedora de flores na rua, que vive em péssimas condições, por alguém que a colocou naquela situação miserável: “No teu olhar magoado/ Sente-se bem o pecado” (1921, p. 3).

Os dois últimos textos assinados como Lena de Valois saem no mesmo número do *Diário de Lisboa* a 24 de novembro de 1921.¹³ O primeiro dele se intitula “Quero-te Bem” e fala de um amor tão intenso que quando o eu lírico feminino começa a rezar endereça a prece ao amado, que é representado quase como um Deus. O eu lírico confessa que sente “um delírio de paixão” por uma figura que lhe despreza. Vive-se uma dor de torturada. O poema serve como uma espécie de oração, como bem confessa o sujeito poético:

Resava-o com tal fervor...
Era isto o que eu dizia:

¹¹ O poema está disponível para consulta no seguinte endereço eletrônico: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05739.003.00526#!3>.

¹² Os versos podem ser encontrados no *Diário de Lisboa* que está on-line: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05739.003.00545#!3>.

¹³ Disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05739.003.00558#!3>.



Amo-te muito!... entendes?
 Só a ti, a mais ninguém...
 Ouve, vê se compreendes,
 Ainda mais: quero-te bem! (1921, p. 3)

Comparando essa versão do jornal com a manuscrita contida no caderno “Versos” há mudanças significativas de pontuação e de uso de letras maiúsculas e minúsculas, aparentando a versão manuscrita, que foi publicada por Alonso e Silva, ser a mais bem acabada. Por fim, o último poema publicado sob assinatura de Lena de Valois é “Sonho”, que depois será reaproveitado em *Castelo de Sombras* (1923). Ao compararmos as versões do *Diário de Lisboa* e a publicada em livro, verificamos que na versão do jornal se utiliza mais o sinal de exclamação e o uso de vírgulas. Há só uma leve alteração lexical de “num sonho de delírio!” para “meus sonhos de delírio!”. No caderno “Versos” há uma outra versão, datada de 1920, portanto, a primeira das três versões, essa mais próxima da primeira edição de *Castelo de Sombras*, que data 1922, com poucas alterações no que se refere ao uso do sinal de pontuação. Esse poema se enquadra na temática principal de *Castelo de Sombras*: os laivos estéticos simbolistas que aparecem com mais afinco na obra de Judith:

Sonho

Tive esta noite um sonho torturado,
 estranho e singular;
 Alguém, sobre o meu peito magoado
 prendia o seu olhar...

E pálido, dizia-me a tremer:
 - Abre teu peito tanto
 que meus olhos tua alma possam ver,
 já morta há não sei quanto!

- É morta, sim! Mas vai ressuscitar!
 Erguem-na meus desejos!
 Vai reviver à luz do meu olhar
 na febre dos meus beijos!

E no mistério dessa noite escura
 - minha alma cor de lírio
 vieram profanar-te a sepultura
 meus sonhos de delírio!



Inverno
1922 (TEIXEIRA, 2015, p. 99)

O poema se inicia com uma temática expressa na literatura simbolista, que são os devaneios. Alguém vem perscrutar o seu olhar e a sua inanição perante a vida. Observamos que se trata de um poema em decassílabos quebrados (10 e 6 sílabas poéticas), numa disposição em ziguezague, ou seja, Judith quer passar a ideia de fragmento, da intensidade que diminui, por isso tanto a versão em jornal quanto a publicada na 1.^a edição, e que Alonso e Silva reproduzem da mesma maneira em *Poesia e Prosa*, tem essa mesma disposição dos versos que é realmente intencional.

Há um jogo polifônico estabelecido na segunda estrofe que vem dialogar e enfatizar a condição de derrocada do sujeito lírico. Observemos que, apesar do clima angustiado, não se deixa de se aludir a um certo erotismo quando se refere “erguer desejos” e “febres de beijos”. Ou seja, só através de uma outra figura, do contato físico e carnal, é que se poderia sair desse estado de apatia. Por isso o sonho, enquanto elemento que provoca delírios, aparece fortemente marcado no poema porque serve como um escape da realidade cruel em que se vive, tal como ocorre em alguns poemas do segundo livro da autora.

Nesse breve estudo, identificamos que o uso de Lena de Valois por Judith Teixeira teria a intenção de identidade de *persona* poética, mas aparenta que a autora não fazia questão em esconder, nem da família, dos amigos mais próximos e nem do público e imprensa, quem estava por trás do pseudônimo. Contudo, apesar do uso do nome artístico nos textos publicados em jornais de 1918 a 1921, a afirmação do nome da autora, sobretudo prestando homenagem ao segundo marido ao utilizar o apelido Teixeira, indica a necessidade de autoafirmação com o primeiro nome de batismo e intenção de mostrar-se à sociedade mesmo com poemas que vão ser rechaçados publicamente, quando publicada versos lesboamorosos em *Decadência*, a partir de fevereiro de 1923.

Como se pode perceber, há alguns laivos de futuras obras nesses textos anteriores às edições, como, por exemplo, o conto “Lali”, que parece ser um embrião da novela “Insaciada”. O poema “Sonho” foi publicado com o pseudônimo para depois figurar em *Castelo de Sombras* já sem máscaras artísticas. Ou seja, Judith não se ocultou através do seu



pseudônimo quando vem a público poemas considerados “imorais”, pelo contrário, os textos assinados por Lena de Valois cumprem mais os cânones normativos de aceitação social.

Por fim, vale salientar que Lena de Valois gozava de algum prestígio pois saem reportagem sobre ela tanto num jornal, *A Capital*, quanto numa revista, *Ilustração portuguesa*, além de textos literários em poesia e prosa, publicados em alguns periódicos, revelando a sua fácil circulação na imprensa e o seu reconhecimento artístico, antes mesmo da publicação de sua primeira obra, *Decadência*, assinada como Judith Teixeira.



REFERÊNCIAS:

ALONSO, Cláudia Pazos. Judith Teixeira: um caso modernista insólito. In: TEXEIRA, Judith. Poesia e Prosa. Org. e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015a, p. 21-38.

ALONSO, Cláudia Pazos. Um caderno com poemas inéditos de Judith Teixeira: apresentação e conclusões preliminares. In: TEXEIRA, Judith. Poesia e Prosa. Org. e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015b, p. 205-214.

CABRAL, Fernanda Damas. Ana Plácido. Estudo, cronologia, antologia (narrativa). Lisboa: Caminho, 1991.

GARAY, René P. Judith Teixeira: o modernismo sáfico português. Lisboa: Universitária Editora, 2002.

GIAVARA, Suilei Monteiro. Poéticas Interditas: erotismo, subversão e repúdio em Florbela Espanca (1894 – 1930) e Judith Teixeira (1880 – 1959). Tese de doutorado. Assis: UNESP, 2015.

GUIMARÃES, Adriana Mello. A crítica cultural no feminino: o contributo de Ana Plácido. In: Revista Entheoria, n. 7, vol. 1. Serra Talhada: UFRPE. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3701>.

LOUSADA, Isabel. Elos de progresso científico e social: contributo para a História das Mulheres cientistas em Portugal. In: I. Lousada, & M. J. Gonçalves (Eds.). Women, science and globalization: What's up?. Lisboa: Amonet, p. 57-85, 2012.

REIS, Carlos. O conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários. 1.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

S. A. Lena de Valois. In: Jornal da Tarde. Gerente Domingos de Magalhães, 18 de outubro de 1918, p. 1.

S. A. Lena de Valois. In: A Capital. Diário republicado da noite. Lisboa, 7 de janeiro de 1922. Disponível em https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/periodicos/acapital/1922/Janeiro/Janeiro_item1/P17.html. Acesso em 3 de janeiro de 2023.

S. A. “Interiores de arte. A casa de Lena de Valois”. In Ilustração portuguesa. Director J. J. da Silva Graça. N.º 831. Lisboa, 21 de janeiro de 1922, s. p. Disponível em https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1922/N831/N831_item1/P19.html. Acesso em 25 de março de 2023.

SOUSA, Martim Gouveia de. Judith Teixeira e o lugar: uma “irmã de Shakespeare” no modernismo literário português. Coimbra: Areias do Tempo, 2009.

TEXEIRA, Judith. Poesia e Prosa. Org. e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015.

VALOIS, Lena. (TEXEIRA, Judith). Almas Simples (Fé). In: Jornal da Tarde, 18 de outubro de 1918, p. 1.

VALOIS, Lena. (TEXEIRA, Judith). Lali.... In: Jornal da Tarde, 18 de outubro de 1918, p. 2.



VALOIS, Lena. (TEXEIRA, Judith). A pobre mais pobrezinha. In *Diário de Lisboa*, nº 165, Ano 1, Segunda, 17 de Outubro de 1921, p. 3. Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32690. Acesso em 25 de maio de 2023.

VALOIS, Lena. (TEXEIRA, Judith). Enleio. In: *Diário de Lisboa*, nº 185, Ano 1, Quarta, 9 de Novembro de 1921, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32709. Acesso em 25 de maio de 2023.

VALOIS, Lena. (TEXEIRA, Judith). Sonetinho. In: *Diário de Lisboa*, nº 185, Ano 1, Quarta, 9 de Novembro de 1921, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32709. Acesso em 25 de maio de 2023.

VALOIS, Lena. (TEXEIRA, Judith). Quero-te Bem. In: *Diário de Lisboa*, nº 198, Ano 1, Quinta, 24 de Novembro de 1921, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32722. Acesso em 21 de maio de 2023.

VALOIS, Lena. (TEXEIRA, Judith). Sonho. In: *Diário de Lisboa*, nº 198, Ano 1, Quinta, 24 de Novembro de 1921, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32722. Acesso em 21 de maio de 2023.